

Literatura

Por Laura Folgueira

A Vingança pelas palavras

Sem sangue fala de guerra unindo suspense e poesia



Um tempo de pós-guerra. O lugar poderia ser qualquer um: a história não se passa em uma cidade ou mesmo em um país específico; poderia acontecer em qualquer lugar. Em *Sem sangue*, o italiano Alessandro Baricco

constrói uma narrativa focada nos personagens e, mais importante, nas relações entre eles.

É por isso, talvez, que o autor explica em uma nota preliminar: "Os fatos e personagens a que esta história alude são imaginários e não se referem a nenhuma realidade particular. A escolha de nomes hispânicos deve-se a razões puramente musicais e não pretende sugerir uma inserção temporal ou geográfica dos acontecimentos." (A musicalidade é especialmente importante na prosa de Baricco, que, além de escritor, é crítico musical.)

O livro é dividido em duas partes. Na primeira, destacam-se os eventos externos: os personagens, especialmente a família Roca, residente da fazenda de Mato Rujo, estão à mercê dos acontecimentos, e deixam-se levar pela situação que os coloca em confronto com Tito, El Gurre e Salinas, ex-guerrilheiros que invadem o lugar atrás de vingar-se de Manuel Roca - o motivo disso, aliás, não chega nunca a ser totalmente esclarecido. De fato, não se sabe muito sobre os personagens nem sobre seu passado, além dos breves *flashbacks* que o autor insere no meio do acelerado discurso.

Ainda nessa primeira parte, um olhar cuidadoso detecta um elemento fundamental para a história e seu desenvolvimento. Durante a perseguição a Manuel Rocas, que inclui passagens

emocionantes (como as lembranças de guerra de um dos guerrilheiros) e violentas (como o momento da morte do filho pequeno de Manuel), sobressaem na narração as reflexões de Nina, única sobrevivente, escondida em um buraco no chão, "encolhida, como se estivesse na sua cama, não tendo nada para fazer senão adormecer, e sonhar".

Após o massacre na fazenda de Mato Rujo, a segunda parte do livro começa com o encontro de Nina com um vendedor de bilhetes de loteria. É nesse ponto que o livro se revela. Não que o autor nos explique muito mais sobre os personagens; pelo contrário, seus passados continuam oblíquos, mas definitivamente ligados à morte de dois dos homens que mataram Manuel Rocas. É impossível, assim, saber se Nina diz a verdade em relação a seu passado. Mas, como parece nos lembrar Baricco, não existem, na literatura, verdades absolutas.

Seja como for, esses personagens revelam-se apenas em seus diálogos. A conversa travada entre os dois é lenta - o que marca uma das principais diferenças em relação à primeira parte - e entrecortada por silêncios (marcados graficamente por reticências). A linguagem de Baricco é simples, sem rebuscamento. Parece refletir os próprios personagens: aparentemente fáceis de decifrar, mas cheios de pequenas sutilezas a serem descobertas.

Da mesma forma como gera mundanças no tom da história, o tempo decorrente entre a primeira e a segunda parte também transforma a personagem. Nina, adulta, tem outro nome "- é conhecida, agora, apenas como Donna Sol "- e carrega o peso de sua família morta. O suspense criado por Baricco em torno da guerra e dos assassinatos na família de Nina

permanecem, e é difícil, até a última página, descobrir se ela é ou não a assassina dos homens que mataram seu pai.

Alessandro Baricco construiu um livro marcante, permeado de cenas extremamente visuais como em um filme. Não por acaso, o escritor estreou, no fim de 2008, como diretor de cinema, com o filme *Lezione ventuno*, e outro de seus romances, *Novecento*, foi adaptado para as telas por Giuseppe Tornatore (ganhando o título de *A lenda do pianista do mar*). Esse é um dos méritos do autor: sua rara habilidade de conferir a uma história de absoluto suspense (uma espécie de *thriller*) um desenvolvimento belo, poético, e com linguagem bem trabalhada, direta, mas cheia de metáforas e sonoridade, em que os silêncios são tão importantes quanto os diálogos.

A imagem poética que amarra a história de Nina do começo ao fim do livro é criada pela própria personagem. Escondida no buraco preparado por seu pai, e ouvindo a pequena guerra particular que se trava em sua casa, a menina se deita em uma posição de "concha", procurando o perfeito equilíbrio: "juntou os pés até sentir as pernas perfeitamente alinhadas, as duas coxas suavemente unidas, os joelhos como duas xícaras em equilíbrio uma sobre a outra, os tornozelos separados por um vão."

Essa imagem, retomada ao final da narrativa, antecipa algo que o leitor, no momento de tensão inicial, não poderia decifrar: a aparentemente calma tentativa de controlar o que o destino - ou, neste caso, os homens, a guerra - criou. O que Nina fará para tentar retomar o que lhe foi tirado no dia da morte de seu pai e de seu irmão é um mistério que Alessandro Baricco não está disposto a revelar. Em *Sem sangue* não há respostas, apenas questões.

Sem sangue
Alessandro Baricco
Companhia das Letras/88 páginas

Trechos da obra

“[...] Ouviu o pai lhe dizendo alguma coisa, depois viu a tampa do alçapão baixar. Fechou os olhos, e os reabriu. Pelas tábuas do soalho filtravam lâminas de luz. Ouviu a voz do pai, que continuava a falar com ela. Ouviu o barulho das cestas arrastadas pelo chão. Ficou mais escuro, lá embaixo. Seu pai lhe perguntou alguma coisa. Ela respondeu. Tinha se deitado de lado. Dobrara as pernas, e ali estava, encolhida, como se estivesse na sua cama, não tendo mais nada a fazer senão adormecer, e sonhar. Ouviu o pai lhe dizer mais alguma coisa, com doçura, inclinado sobre o soalho. Depois ouviu um tiro, e o barulho de uma janela se espatifando em mil pedaços.

“- ROCA!... VENHA AQUI FORA, ROCA... NÃO FAÇA ASNEIRAS E VENHA AQUI FORA.

Manuel Rocas olhou para o filho. Arrastou-se até ele, ficando atento para não acabar exposto. Esticou-se para pegar o fuzil em cima da mesa.

[...]

Assim escondia Nina, a filha sobrevivente de Manuel Roca.

O homem olhava ao redor sem ver nada. Estava metido com seus pensamentos.

A ferocidade das crianças, pensava.

Nós reviramos a terra de modo tão violento que despertamos a ferocidade das crianças.

Virou-se novamente para a mulher. Ela estava olhando para ele. Ouviu sua voz dizendo:

“- É verdade que o chamavam de Tito?

O homem fez que sim.

“- Chegou a conhecer meu pai, antes?

“- ...

“- ...

“- Sabia quem era.

“- É verdade que foi o primeiro a atirar nele?

O homem balançou a cabeça.

“- Pouco importa...

“- O senhor tinha vinte anos. Era o mais moço. Fazia só um ano que combatia. El Gurre o tratava como a um filho.

Depois a mulher lhe perguntou se ele se lembrava.

O homem ficou olhando para ela. E só naquele momento, por fim, reviu realmente em seu rosto o rosto da menina, deitada lá embaixo, impecável e correta, perfeita. Viu aqueles olhos nesses, e aquela força inaudita na calma dessa beleza cansada. A menina: virara-se e olhara para ele. A menina: agora estava ali. Como o tempo pode ser vertiginoso. Onde estou?, perguntou-se o homem. Aqui ou naquela época? Já terei vivido um instante distinto daquele?

O homem disse que se lembrava. Que durante anos não tinha feito outra coisa senão lembrar-se de tudo.

(P. 16,53-54)

Escritos arquitetônicos

Lina por escrito traz textos que elucidam a arquitetura modernista de forma simples e acessível



Ao pensar em Lina Bo Bardi, a primeira referência que nos vem à cabeça é o grande prédio do Museu de Arte de São Paulo (Masp), símbolo da avenida Paulista criado pela arquiteta na década de 1960. O edifício tipicamente modernista, construído sobre pilotis (conjunto de colunas), nos dá uma pista de como Lina contribuiu de fato para a arquitetura brasileira.

A então jovem italiana chegou ao Brasil acompanhada do marido, em 1946, ansiosa com as possibilidades que a arquitetura do país, ainda relativamente nova e, portanto, sem vícios, oferecia. Nas palavras de Silvana Rubino, autora da introdução do livro *Lina por escrito*, "o Brasil parecia acenar, por meio dos *brises* e colunas deste edifício [o Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, primeiro edifício modernista do país] com uma possibilidade de novo mundo, (...) aquelas de um campo intelectual e institucional, no qual a arquitetura moderna parecia possível, inevitável e até mesmo uma condenação".

O entusiasmo por uma arquitetura moderna já era visível não apenas nos

desenhos e projetos de Lina Bo Bardi, mas sobretudo em seus escritos, como deixa claro o livro. Nessa edição, que reúne textos publicados em veículos da Itália, como "A Cultura della Vita", editado por ela própria com dois outros arquitetos, e em publicações do Brasil, como *Habitat*, revista ligada ao Masp, fica claro que ela era mais do que uma arquiteta: era uma pesquisadora de arquitetura. Chega a ser paradoxal o fato de que, apesar de ter construído pouco, e escrito muito, tenha ficado conhecida primordialmente pela primeira atividade.

Nos textos, Lina versa sobre detalhes da arquitetura moderna que defendia, como os interiores das casas e a própria relação do homem com seu lar, os espaços de convivência comum, a arquitetura a serviço da memória, a cultura popular. Mas sua contribuição maior está nas discussões que trouxe para os intelectuais brasileiros na divulgação da arte moderna do país. São escritos que, mais do que revelarem um período importante dessa arte, trazem para mais perto noções que nos fazem entender a relação de transformação do homem com a natureza e a cidade.

Lina por escrito: textos escolhidos de Lina Bo Bardi
Lina Bo Bardi
Cosac Naify/208 páginas

Umberto Eco une misticismo e filosofia

Em *O pêndulo de Foucault*, o pensamento filosófico nasce do ocultismo das teorias da conspiração



Umberto Eco é um dos autores mais diversificados do século XX: escreveu ficção, como o famoso *O nome da rosa*, transformado em filme, e livros teóricos - muitos versando sobre a própria arte ficcional, como *Seis propostas para o milênio*. Mas em *O pêndulo de Foucault*, publicado no Brasil pela primeira vez em 1988, e agora relançado, o tom é esotérico. Porém, trata-se, primeiramente, de um livro metalinguístico, já que

os personagens principais - os amigos Belbo, Diotallevi e Casaubon - trabalham em uma editora.

De todo modo, o que é o pêndulo de Foucault? Trata-se de um mecanismo que existe de fato, projetado pelo físico Léon Foucault. Ele é apresentado na abertura do livro, quando um dos personagens se encontra dentro de um museu, elocubrando sobre o funcionamento do pêndulo.

Para desvendar e explicar uma brincadeira criada pelos três personagens principais, que desenvolvem "O Plano", uma espécie

Um passeio pela noite

Em *Na noite escura*, Bruno Munari cria sensações e transforma o livro em objeto



"[...]
Abro a capa do livro e
Vejo por trás da mesma que
o furo continua;
Folheio as páginas, uma a
uma.
Vou passando as folhas,
devagar, o furo continua.
[...]"

Uma variedade, uma escultura guardada dentro de um livro,
Escultura de nada: ou antes, de um pseudo-não;
Fechada, escondida, para todos os que não quiserem
Folhear o livro.
[...]"

O poema acima, "A escultura folheada", do brasileiro Joaquim Cardozo, foi escrito certamente sem que o poeta tivesse jamais posto os olhos no livro *Na noite escura*, de Bruno Munari - lançado pela primeira vez em Milão, em 1956, e recentemente traduzido para o português. É a representação perfeita, porém, desse livro, que, transcendendo a palavra, exige uma percepção visual e sensorial da literatura. Não estamos falando de uma obra comum, destinada a crianças pequenas, como pode parecer à primeira vista. Apesar de ser uma história infantil simples, a sofisticação de suas ilustrações e de seu projeto gráfico seduz leitores de qualquer idade.

Um gato passeia pelos telhados da cidade e segue, página após página, um ponto de luz amarelo na noite - um furo, como no poema de Cardozo. No decorrer do livro, descobrimos a fonte dessa luz: "é o vagalume / que vai dormir no mato / porque o dia raiou". E, se a representação da escuridão da noite em contraste com a luz encontrou bela solução, o amanhecer enevoado parece ainda mais bonito: as páginas da segunda parte são de papel vegetal. O leitor é convidado a entrar no mato e ver os gafanhotos, as aranhas, as centopeias que começam o dia bem-humorados - tomando o café da manhã composto de folhas, construindo teias ou mandando engraxar seus sapatos. Uma trilha de formigas nos leva até uma gruta de papel pardo. No fim, o próprio autor se pergunta: "há quanto tempo estamos nesta gruta misteriosa?" A próxima página revela: tempo suficiente para a luz dos vaga-lumes terem aparecido de novo na noite.

Em *Na noite escura* Bruno Munari explorou suas aptidões de escritor, ilustrador, designer gráfico e artista plástico. E, para uma leitura completa, nenhum desses elementos pode ser considerado de forma isolada - são interdependentes.

Na noite escura
Bruno Munari
Cosac Naify/54 páginas

de teoria da conspiração, o autor usa mitos reais, como o dos Cavaleiros Templários (o mesmo que o autor d'*O Código da Vinci* explorou). Mas, logo, o que era uma brincadeira começa a ser levado a sério, e os personagens acreditam no próprio jogo que inventaram. "Será possível que eu - eu e Jacopo Belbo, e Diotallevi - houvéssemos intuído a verdade?", pergunta-se Casaubon, ao crer que, devido ao seu "plano", alguma sociedade secreta sequestrara seu amigo. O pêndulo seria um instrumento usado para que essas sociedades secretas, que formam a teoria da conspiração, pudessem se encontrar.

Mas a maestria de Eco não deixa que o livro caia no misticismo gratuito: o autor desenvolve ainda, na voz de seus personagens, questionamentos filosóficos - e o mais importante deles é representado pelo pêndulo. Nas palavras de Casaubon: "A Terra girava, mas o lugar onde o fio estava ancorado era o único ponto fixo do universo. Por isso, não era propriamente à Terra que o meu olhar se dirigia, mas ao alto, lá onde se celebrava o mistério da imobilidade absoluta".

O pêndulo de Foucault
Umberto Eco
Record - Edições BestBolso/681 páginas